

REFLEXÃO

OCUPANDO O ESPAÇO

LUIZ CARLOS CORRÊA CARVALHO
Presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)

Somos arquitetos do nosso próprio destino.
Albert Einstein

Desde 1972, com o Clube de Roma posicionando-se sobre os limites do crescimento, a humanidade passou a refletir sobre as antigas projeções de Malthus e os riscos de uma demanda global tão forte que a oferta de alimentos não a acompanharia. Logo após, veio o primeiro choque de oferta do petróleo pelos árabes e o desencadeamento de um processo de insegurança energética que o mundo viveu na Segunda Guerra Mundial, juntamente à insegurança alimentar.

No pós-Segunda Guerra, foi a primeira vez que se focou no tema da escassez como uma arma de preços e no fato da dependência de terceiros por energia. Como a gasolina não chegava ao Brasil pelo cerco alemão, lançou-se mão do etanol como carburante (em 1941, chegou-se a formalmente liberar o uso de 41% de etanol nos motores a gasolina).

Na década de 1970, o Brasil importava quase todo o petróleo que consumia e mais de um terço do alimento demandado, o que o fragilizava em qualquer *stress* geopolítico.

Aliás, vale lembrar que, em 2023, o primeiro choque do petróleo completa cinquenta anos, tendo sido o vetor para o Programa Nacional do Álcool (Proálcool) no Brasil e o etanol combustível nos EUA. A nossa matriz energética é limpa porque possui quase 50% de renováveis (o mundo, com o Brasil dentro, possui 14%) e porque mais de 85% da energia elétrica é renovável.

Abraçando a Ciência, num esforço público-privado em várias cadeias produtivas, o Brasil faz a mais importante revolução verde do Planeta, com a digital do grande brasileiro Alysson Paolinelli. É, talvez, o melhor exemplo de ocupação do espaço que qualificou o Brasil e o seu agronegócio. Foram quebrados recordes de produtividade, produção e exportações, o que, já na virada do século XXI, torna o País o terceiro maior exportador mundial de alimentos, mesmo sem acordos internacionais relevantes. Também é importante dizer que, hoje, o Brasil é exportador de petróleo e de etanol carburante.

O processo de mudanças geopolíticas, gerando uma fragmentação de blocos de países "amigos e mais próximos" (após os choques de logística e de conceitos) e de países partidários do lema "invista em casa e com energias limpas" (*on-sharing/power-sharing*), traz ao Brasil grandes oportunidades globais, mas também as ameaças do protecionismo e dos subsídios. É preciso estar atento e proativo!

"Um só agro" foi o *slogan* da ABAG aceito na gestão do governo federal anterior, mas, recentemente, o agro foi dividido novamente. A chapa quente das eleições vai se esfriando, e a razão deverá voltar à mesa das referências do Governo, açodado pelas pressões enormes do Acordo Verde europeu, assim como pela "atração fatal" dos subsídios verdes norte-americanos. O agro brasileiro precisará de uma forte união público-privada para seguir, com protagonismo, ocupando espaço na construção do nosso destino. ■

"Foram quebrados recordes de produtividade, produção e exportações, o que, já na virada do século XXI, torna o País o terceiro maior exportador mundial de alimentos, mesmo sem acordos internacionais relevantes."